Finisterra, XXIX, 58, 1994, pp. 287-311

NOTA SOBRE A EVOLUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE MASERU, CAPITAL DO LESOTO[1]

ISABEL MARQUES MEDEIROS[2]

1 – A cidade de Maseru e o país de que é capital, o Lesoto – território montanhoso, completamente encravado na África do Sul (RAS), com 30 355 Km² (menos de metade da superfície de Portugal continental) e uma população de cerca de 2 milhões de habitantes (em 1993, 1 854 000) – apareceram recentemente referidos nos «media», numa altura em que os acontecimentos relacionados com as primeiras eleições plurirraciais na RAS prendiam as atenções

Segundo notícias dadas pelo jornal Público no mês de Janeiro de 1994, constatava-se a existência de violentos confrontos entre facções militares, citando-se móbiles salariais; em Abril, mencionava-se o assassinato do vice-primeiro ministro e o sequestro de alguns ministros, acontecimentos que criavam uma situação confusa e de grande

---

(1) A presente nota foi elaborada com base em elementos recolhidos numa curta estadia em Setembro de 1993 e em consultas bibliográficas diversas: Devem destacar-se as seguintes obras: *Town and Country Planning Act*, 1980, Physical Planning Division, Maseru, 1988; D. Ambrose, *Maseru. An Ilustrated History*, Morija Museum Archieves, 1993; *Development Studies for Lesotho*, Mazenod, 1987.

Apresento um agradecimento especial ao Dr. Paulo Madeira pela recolha de informação publicada sobre o Lesoto no jornal *Público*

(2) Técnica assessora do IGAPHE. Investigadora do CEG. Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras de Lisboa, Cidade Universitária, 1699 Lisboa Codex. Tel:(351-1) 794 02 18; Fax: (351-1) 793 86 90.

fragilidade para o recém constituído governo, o qual terá pedido a intervenção da África do Sul[3].

Face à evolução recente deste último país, levantou-se uma questão, aparentemente nova, relacionada com o futuro político do Lesoto: derrubado o *apartheid*, será que poderá vir a ser incorporado na nova África do Sul?

As tensões sociais e políticas subjacentes aos factos citados, bem como a interrogação proposta não são mais do que manifestações recentes das muitas convulsões que abalaram o percurso, pleno de ambiguidades, seguido pelo Lesoto desde a independência, onde a interferência do seu poderoso vizinho foi um dado permanente. A posição geográfica, as reduzidas dimensões, a limitação dos recursos perante os efeitos da pressão demográfica, criaram no tempo ligações muito fortes de dependência multifacetada com a África do Sul, cujas potencialidades mineiras exigiam, para a respectiva exploração, importantes contingentes de mão-de-obra barata, estrangeira, de molde a evitar, no quadro do *apartheid*, as grandes concentrações nas periferias das cidades.

Conciliar uma situação de independência política, perante o regime sul-africano, com outra de total dependência económica (90% do comércio externo faz-se através da RAS), traduziu-se sempre numa convivência de oposição latente, bastante difícil de gerir: frequentes foram as represálias desencadeadas pela RAS, e duramente sentidas pela sociedade lesotana, na sequência de posições assumidas contra o *apartheid* e da adesão formal à SADCC, criada em 1980[4], como estru-

---

(3) O Lesoto é uma monarquia parlamentar desde 4 de Outubro de 1966; porém, os poderes do rei foram progressivamente diminuídos: hoje, o seu papel é puramente simbólico embora o clã real se acomode mal à realidade.

A evolução política recente foi tumultuosa: desde 1986 até 1993 viveu-se um período de regimes militares marcado por grande instabilidade, em que foi dissolvido o Parlamento, exilado o rei Moshoeshoe II, e entronizado o seu filho, com o nome de Letsie III. Em 28 de Março de 1993 foram realizadas eleições que consagraram de novo o poder civil: Ntsu Mokhele é o primeiro ministro, saído do Bashoto Party (sempre marginalizado na vida política do país e afim do ANC).

(4) SADCC – Comissão para a Cooperação e Desenvolvimento da Africa Austral, formada pelos seguintes países: Angola, Botswana, Lesoto, Moçambique, Malawi, Namíbia, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabué. É uma estrutura geopolítica e económica de integração horizontal, nascida a partir do agrupamento dos países da «Linha de Frente», como alternativa de desenvolvimento autónomo relativamente à Africa do Sul. Actualmente, dadas as alterações verificadas neste país, que não justificam já a «oposição frentista», a SADCC, modificou-

tura geopolítica de «frente», alternativa ao desenvolvimento desigual comandado por Pretória.

Mas não é nosso objectivo analisar toda a problemática enunciada; a presente nota tem propósitos bem mais modestos: dar a conhecer a organização do espaço da cidade de Maseru, ponto nevrálgico do país, local onde se retratam e cumulam as grandes dificuldades e contradições que têm estado patentes na evolução do Lesoto.

2 – Segundo as estimativas mais recentes de que se dispõe, a área urbana de Maseru, designada como «Grande Maseru», cujos limites têm sido reformulados desde 1980, agrupava em 1993, cerca de 230 mil habitantes. Este valor é resultado dum processo rápido e recente de crescimento que se acelerou a partir de fins dos anos 50, tendo-se atingido ritmos médios anuais de 7%. Salvaguardando as diferenças entre os critérios de identificação da população urbana adoptados pelos vários países da África Austral, o Lesoto é, no seu contexto regional, um país fracamente urbanizado: em 1992 apenas 21% da sua população era declarada como urbana. Este valor somente supera o do Malawi (12%); já na Tanzania se atingem 22%, em Angola e no Botswana 27%, na Suazilândia 28%, no Zimbabué e em Moçambique 30%, na Zâmbia 42% e 51% na África do Sul. Maseru retem quase metade da população considerada como urbana (450 mil habitantes, aproximadamente, em 1993)(5), pelo que é o único aglomerado urbano relevante no país: as duas outras cidades mais importantes – Maputsoe e Teyateyaneng – no conjunto dos seus habitantes não perfaziam sequer metade do valor da população da capital. Na matriz urbana regional, considerando apenas os países da SADC, Maseru é uma cidade pequena,ligada às outras capitais por via férrea e estrada, através de Bloomfontein e Johanesburgo na África do Sul (fig. 1).

-se nos objectivos, na sigla – SADC – e incluiu a Africa do Sul, parceiro essencial para o desenvolvimento da região. Sobre a SADCC pode consultar-se: D. Mazzeo (eds), *African Regional Organizations*, Cambridge, 1989, pp. 198-224.

(5) *World Urbanization Prospects. The 1992 Revision,* UN, New York, 1993. Segundo os recenseamentos realizados no Lesoto em 1956, 1966, 1976 e 1986, considerava-se como «população urbana» a que residia nas sedes de distrito e noutras povoações com crescimento demográfico rápido e com equipamentos encorajando as pessoas a desenvolver actividades não agrícolas.

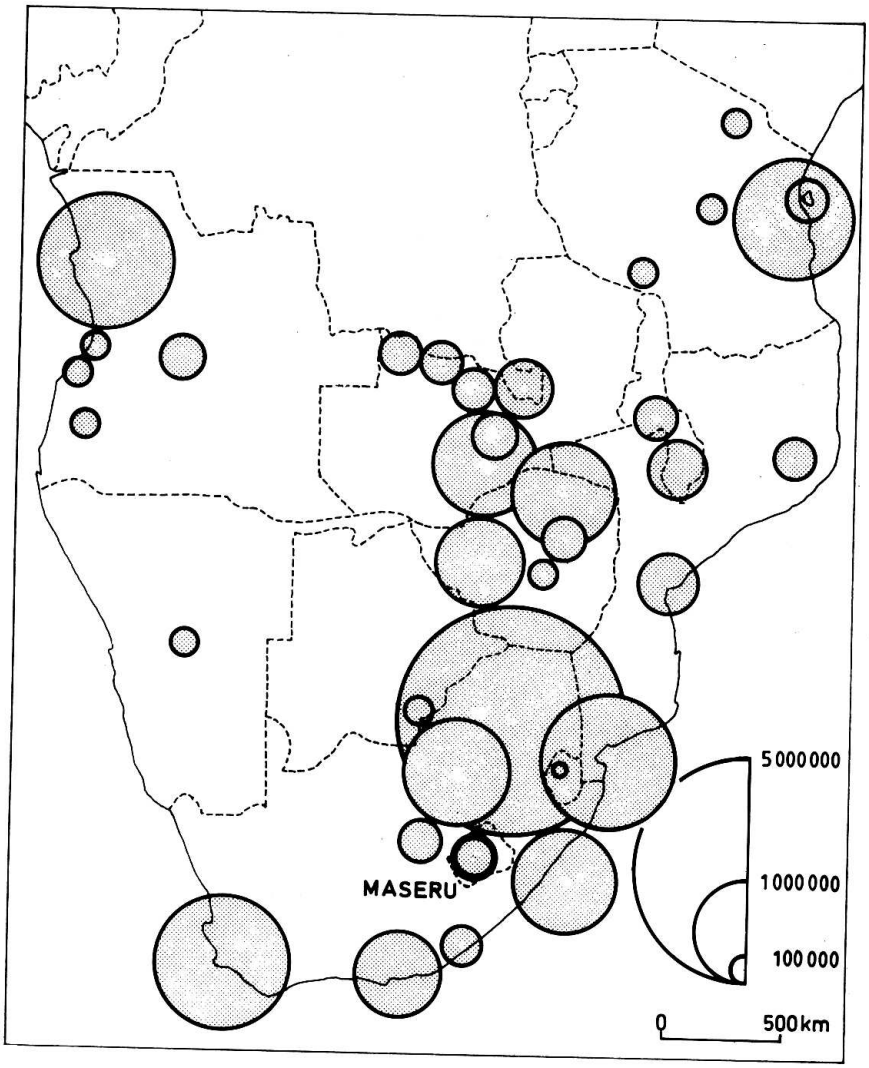

Figura 1 – A cidade de Maseru no sistema urbano regional (países da S.A.D.C.).

2.1 – Quem pela primeira vez aterra no aeroporto internacional Moshoeshoe I, e em plena estação seca (de Abril a Outubro,) que é também a mais fresca (a 1571 metros em Maseru, a média das máximas para o mês de Agosto é de 18,9° e a das mímimas, de 2,3°)(6), fica

(6) Cf. *Development Studies for Lesotho, Book 1,* cit.

surpreendido pelo vigor das formas de relevo que o envolvem, pela forte degradação visível no solo, associada a um impressionante desnudamento vegetal. Penetrando no corpo do aglomerado, através dos bairros periféricos, onde já é reduzido o número de construções do tipo tradicional, pois os blocos de cimento e a cobertura de zinco prepondera-ram, chamam a atenção os pequenos logradouros com ou sem habitação, ponteados de pessegueiros em flor, o grande número de escolas bordejando os principais eixos de transporte, com os seus alunos cuidadosamente fardados, as precárias e improvisadas hospedarias e pensões, pontuando alguns dos cruzamentos mais concorridos de entrada e saída na cidade. A presença do mundo rural é, numa primeira impressão, pouco evidente, mas logo se anuncia com grande colorido, nos mercados, nas vendas ambulantes, no estar de muitos transeuntes, homens e mulheres envolvidos em grossos cobertores de cores fortes, ocre, anil, verde, com desenhos negros. Junto à agência oficial de recrutamento de trabalhadores para a África do Sul, há grandes ajuntamentos e, à sua volta, pululam um sem número de pequenas actividades comerciais, na sua maioria do tipo informal.

2.2 – A cidade cresceu num pequeno anfiteatro rodeado de colinas onde confluem diversas torrentes, «*dongas*», em relação com o rio Mohokare (Caledon River), o qual, em grande parte do seu curso, marca a fronteira poente com a África do Sul. À escala do país, o sítio de Maseru integra-se num conjunto planáltico mais vasto, bastante dissecado pelos efeitos da erosão torrencial – as *Lowlands* – onde se registam os valores de altitude mais baixa (as cotas oscilam entre 1500 e 1700 metros), as maiores e mais extensas concentrações populacionais (cerca de 80% da população do país) e 45% das terras aráveis (fig. 2).

Com efeito, o Lesoto é considerado o 'Tecto da África', pela preponderância das áreas montanhosas – os cumes mais altos situam-se a nordeste, atingem 3482 metros e estão cobertos de neve 4 meses no ano. O seu território anicha-se no rebordo do grande escarpado – o Drakensberg – que separa a plataforma do Natal, junto ao Oceano Indíco, a cerca de 200 Km, do grande planalto central africano.

A posição do aglomerado é pois excêntrica relativamente ao país, mas reflecte a sua função inicial, de posto vigilante na passagem dum rio – a Jackman's Drift – a separar áreas de influência antagónicas e já

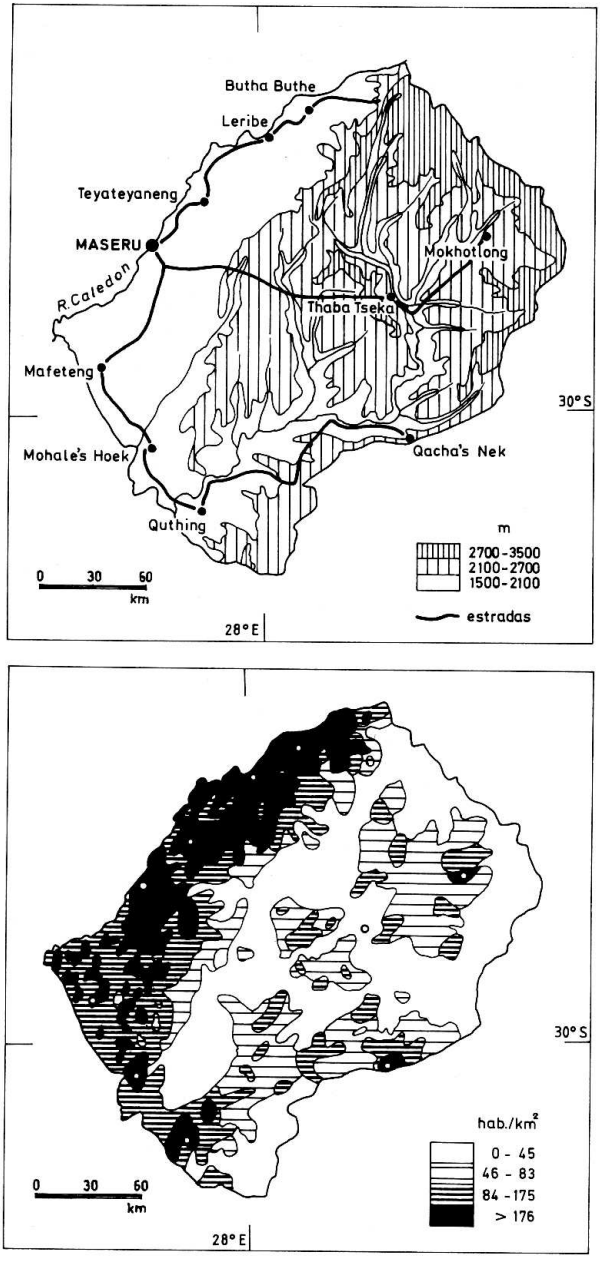

Figura 2 – Aspectos gerais do relevo e da distribuição da população no Lesoto.

mencionada antes mesmo da fundação da cidade. As ligações com as localidades do interior do país, a algumas dezenas de quilómetros, largamente aumentadas em tempo, são extremamente difíceis atendendo, não só às características morfológicas, mas também à fraqueza das infra-estruturas viárias, afectadas regularmente pelos efeitos violentos das precipitações, as quais, todos os anos, obrigam a obras vultuosas de reparação e estabilização de vertentes: as precipitações em Maseru e no Lesoto em geral, são bastante irregulares, concentradas e os volumes de água caídos variam bastante de um ano para o outro, podendo mesmo duplicar (o valor das normais climatológicas para a capital é de 637 mm), e são frequentes os acidentes climáticos relacionados com efeitos de secas ou chuvadas torrenciais. À relativa escassez pluviométrica das Lowlands, contrapõe-se a abundância das Highlands, o que confere ao país um potencial enorme em matéria de aproveitamentos hídricos, quer para produção de energia, quer para regadio, única forma de superar o risco climático que pesa sobre a agricultura(7). Da cidade partem três grandes eixos viários,os únicos parcialmente asfaltados, mas a falta de estradas secundárias capazes de configurar uma verdadeira rede de infra-estruturas e o mau estado das existentes, são aspectos reveladores do grande isolamento em que vivem numerosas unidades rurais; o acesso aos serviços da cidade é para muitas delas apenas teoricamente garantido (quando as condições atmosféricas o permitem) pela visita do helicóptero que, semanalmente, leva diversos técnicos de saúde ou vulgarização agrícola, entre outros, ao seu contacto.

2.3 – Todavia a «*marginalidade*» da capital é, por vezes, apenas aparente: o espaço urbano estruturou-se lentamente, reflectindo não só a evolução económica e as dificuldades sentidas no plano interno, mas

(7) Um dos maiores projectos de desenvolvimento económico do país,e que se espera terminar em 25 anos, é o Projecto Hidráulico do Planalto do Lesoto (LHWP). Iniciado em 1991,compreende a construção dum complexo de barragens e túneis ligados à retenção e desvio das águas da bacia do rio Senqu (Orange), cujo financiamento é multilateral (Banco Mundial, FED e outras instituições). A produção de energia estimada tornará o Lesoto autosuficiente (actualmente importa 90% da electricidade consumida, da África do Sul), mas os maiores benefícios serão essencialmente para este último país: calcula-se que venha a receber cerca de 2 biliões de toneladas de água anualmente, o que corresponde a 170 litros por dia e por habitante. As implicações ambientais do projecto são objecto de grande polémica à escala do país.

também as do poderoso vizinho. Maseru é um local cobiçado por muitos jovens das aldeias mais distantes mas é desejado como local onde a passagem para o universo prometedor das minas e fábricas da RAS parece mais fácil, sem os riscos da clandestinidade. De facto o movimento que diariamente anima as ruas da cidade, decorrente do afluxo de gentes e bens das proveniências mais diversas, está fortemente ligado às funções associadas ao trânsito e à organização de fluxos de trabalhadores migrantes para a RAS.

É esta actividade que artificial e impiedosamente faz e tem feito viver o Lesoto embora, desde meados da década de 80, perca significado, afectada pela crise interna da África do Sul e por um conjunto de medidas adoptadas neste país e tendentes à limitação do trabalho estrangeiro, sobretudo no sector mineiro.

Se o fenómeno do trabalho migrante é uma importante componente da estrutura económica regional, polarizada na RAS e envolvendo todos os países do *hinterland*, a posição de Maseru e de Lesoto neste contexto, (fig. 3) deve ser considerada única: oficialmente 138 mil trabalhadores deste país exercem a sua actividadee na RAS, mas a realidade parece ser diferente apontando para um valor superior – 250 mil –, o que, a confirmar-se, corresponde a aproximadamemte 29% da população activa e 50% dos activos masculinos.

É esta proporção do fenómeno que singulariza o caso em referência e acentua o respectivo significado socio-económico: as remessas dos emigrantes (cerca de 60% dos salários recebidos) representam quase 70% do rendimento médio das famílias residentes nas áreas rurais, onde o trabalho feminino é dominante, financiam 80% do crescimento económico e hoje são quase equivalentes ao PIB. Na cidade, a actual expansão das áreas habitacionais, do comércio, de pequenas agências de transporte são igualmente aspectos da emergência de segmentos sociais novos relacionados com o trabalho migrante[8].

3 – A formação do espaço urbano é relativamente recente, remontando ao século XIX, tal como na maior parte das cidades de África Austral. Relaciona-se com o surto de urbanização africano associado à penetração europeia colonialista e desenvolvimento dos caminhos de

---

[8] Cf. J.S. Crush, «The extrusion of foreign labour from the South African Gold Mining Industry», *Geoforum*, vol. 17, nº2, 1986, pp.161-172.

ferro. A história urbana de Maseru é pois inseparável da história colonial e é legível num pequeno local onde, num quadro temporal agitado, colidiram interesses de africanos e europeus.

3.1 – As primeiras construções, que haviam de assinalar o sítio da actual cidade, estão ligadas à presença de comerciantes, transportadores, missionários e militares, retirando vantagens da proximidade duma passagem sobre o rio Mohokare; aqueles, a pouco e pouco, foram-se

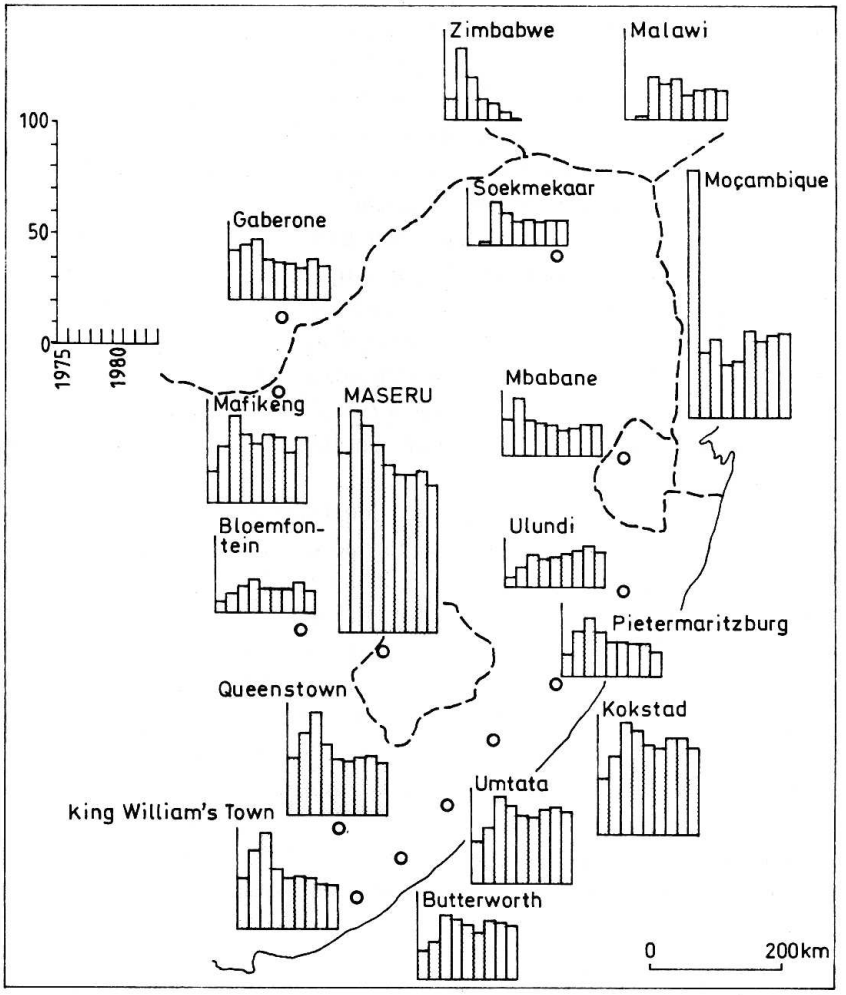

Figura 3 – Distribuição regional dos trabalhadores migrantes para a R.A.S (extr. de: J.S. CRUSH, ob. cit., nota 7).

insinuando num espaço onde se tinham fixado, em ordem dispersa, várias unidades residenciais de populações falando linguas bantas, maioritariamente seshoto. Tratava-se de comunidades agropastoris que praticavam uma agricultura extensiva, sobretudo à base do cultivo do milho e do sorgo; para elas, a posse de numerosas cabeças de gado, sobretudo ovinos acomodados ao pastoreio nas regiões montanhosas, com grandes deslocações e estadias prolongadas nas terras mais altas,tinha significado social relevante. Nas pequenas aldeias, o «*Kraal*», recinto cuidadosamente vedado para os animais, era um elemento de composição bem destacado. A prática da actividade pastoril, na qual se empenhavam os rapazes jovens no quadro da divisão do trabalho familiar, deu a estas populações grande mobilidade pela necessidade constante de procurar pasto e água, preservando e garantindo em paralelo a renovação dos recursos utilizados. As condições climáticas – em particular a chuva – e as que propiciavam a paz, eram determinantes no equilíbrio e estabilidade dos grupos, permitindo a sua reprodução. Tal como acontece noutras sociedades africanas, a importância das precipitações é uma questão essencial no quotidiano, na sua regulação social e no universo mágico-religioso, aspectos completamente interdependentes. A saudação – «*Khotsa, Pula, Nala*»(Paz, Chuva e «Fortuna»), aliás expressa nas armas, símbolo do país,revela o significado do que se referiu.

A chegada daquelas populações ao local que hoje é a cidade, verificou-se num contexto histórico perturbado, marcado pela expansão zulu, liderada pelo poderoso chefe Chaka (1727-1828). Os conflitos decorrentes, designados por Lifaqane (em língua sehoto), afectaram um domínio geográfico que se estende do Natal,passando pelas montanhas do Drakensberg e vale do Limpopo, até ao actual Botswana.

Aí foram alteradas localizações e sistemas produtivos de muitas comunidades clânicas, que tiveram de abandonar áreas referenciadas e de grande dimensão. Entre elas encontravam-se aquelas que se refugiaram no território do actual Lesoto, onde as condições topográficas geradoras de isolamento e a necessidade de proteger o espaço útil, contribuiram para estreitar laços de solidariedade que estão na origem da formação do pequeno reino Bashoto(9).

---

(9) A população do Lesoto é genericamente designada por Bashoto. Uma pessoa é um Moshoto; o prefixo Ba, em línguas bantas, é indicativo de plural. Há outras populações falando seshoto que não foram integradas no Lesoto.

O processo de estruturação política a ele ligado, deve-se à afirmação de um chefe de linhagem, hábil e inteligente – Moshoeshoe I – que organizou a resistência aos ataques, quer de outras populações africanas, quer de europeus. Com efeito, à pressão dos Zulus juntou-se a dos europeus, *boers* e britânicos, já presentes na África austral; procurando alargar as respectivas áreas de influência, exploravam, para o efeito, muitas das rivalidades existentes entre os povos com que contactavam. Em 1840, na sequência da grande migração boer a partir do Cabo para o interior, norte e nordeste, foi criada a República Livre do Orange, reconhecida como independente pela Inglaterra em 1852, com limites mal definidos mas perspectivando a anexação das terras adjacentes ao rio Mohokare, tradicionalmente do reino Bashoto. As frequentes incursões boers neste domínio, acompanhadas da expoliação de gados, terras e da instalação de acampamentos militares, fez com que o rei Moshoeshoe, aconselhado por missionários instalados no local, já desde a primeira metade do século XIX, e conhecedores das rivalidades entre os europeus, pedisse protecção britânica, face à situação de conflito e tensão. A política inglesa na África Austral, articulada no Governo do Cabo, povoação ocupada e cedida à Inglaterra desde 1814, oscilava entre as ambições expansionistas daquele, o descomprometimento militar e político, recomendado por Londres, por razões de natureza económica,e a necessidade de conter os boers na direcção do Oceano Índico. Foi este último motivo que levou a Inglaterra a conceder a protecção pedida pelo rei bashoto, pondo-o a partir de 1868 na dependência do Governo Cabo.

3.2 – Com a primeira delimitação de fronteiras, o reino bashoto perdeu muitas das suas melhores terras em benefício dos boers, mas os britânicos tiveram de fazer concessões para ter acesso à exploração mineira que se intensificava em domínio boer[10]. O núcleo de Maseru, durante todo este período perturbado, funcionou essencialmente como local de aquartelamento de tropas, de boers, que utilizavam com regularidade a passagem de Jackman's Drift. Na sequência da anexação

(10) O tratado de Aliwal Norte fixou as fronteiras actuais e com elas uma faixa de território ao longo do rio Mohokare, com 40 Km de largo, entre Harrismith e Weepner, foi integrada em ricas explorações agrícolas do Orange Free State; essa faixa ainda hoje é revindicada pelo Lesoto, como pertença de pleno direito tradicional.

britânica, o local foi escolhido para instalação de um contingente militar representativo do novo poder e da residência de um Delegado do Governo do Cabo. Em 1875, no relato de um comerciante fixado no local, constata-se que «... *Maseru é a principal aldeia da Basutolândia e é grande o número de nativos que a ela afluem para o negócio...além dos habitantes brancos há várias aldeias de Bashotos num raio de deslocação a pé... e projecta-se a construção de uma escola para os filhos dos operários brancos fixados no local*».

Também naquela data há notícia dum primeiro inventário populacional, no qual se indicava que a «cidade» não teria mais do que 500 habitantes, sem porém se precisarem os seus limites.

Em 1880 registou-se uma revolta de chefes bashoto contra o governo do Cabo, ao qual apenas era reconhecido um papel de protecção e nunca de soberania, devido a uma deliberação que proibia os africanos de comprar e dispor de armas de fogo.

O conflito, conhecido como «Gun War», teve consequências graves na estabilidade do território. O pequeno aglomerado de Maseru foi atacado e alguns edifícios incendiados. A resolução da situação passou pela modificação do estatuto administrativo da então Basutolândia que, a partir de 1884, ficou sob tutela directa de Londres, como protectorado.

Dado que o espaço natural já era densamente povoado, sem grandes potencialidades naturais nem recursos mineiros[11], não foi aberto ao povoamento branco que se consolidava na África Austral, em relação com as descobertas de minas, inicialmente de diamantes, em Kimberley, cuja exploração se intensificou a partir de 1870, e mais tarde de ouro, no Witwatersrand, em 1884.

As instruções dadas ao representante da Coroa, destacado como Comissário Presidente para o Lesoto, eram no sentido de «*nada mais ser atingido do que a protecção da vida e integridade das populações bem como a manutenção da ordem na fronteira... e de encorajar os Bashotos a estabelecer um governo autónomo de molde a evitar perturbações e conflitos interclânicos*».

Foi nesta conjuntura que formalmente se fundou a cidade de Maseru, num local onde germinara já um pequeno embrião, com as funções de residência e controlo de fronteiras dum território que se configurava como reserva de mão-de-obra negra, quer para as minas, quer para as

(11) Existem jazidas diamantíferas cuja prospecção apenas se iniciou, com continuidade, em 1955. Hoje, porém, as minas encontram-se encerradas.

explorações agrícolas dos colonos europeus localizadas no *hinterland*, e como área abastecedora de cereais e animais para carne e transporte.

4 – A nova administração aplicou um esquema de gestão territorial que correspondia a uma versão do «*indirect rule*». Num espaço dividido em Distritos reconheciam-se dois níveis de intervenção: o africano e o colonial. O primeiro era caracterizado por uma hierarquia de chefes locais, apoiados pelos respectivos conselhos, soberanos nas «*rural comunities*» de cada distrito, mas subordinados à autoridade de um chefe supremo – o Paramount Chief – sempre descendente da linhagem do fundador, o rei Moshoeshoe I. O segundo comportava um comissário residente, representante da Coroa, e Comissários Distritais, responsáveis por cada distrito, onde no interior de uma pequena área individualizada à custa das «*rural comunities*» e designada como «*reserva governamental*», tinham os mesmos poderes que os chefes locais nas áreas rurais; eram assistidos por um representante daqueles e assim, em teoria, as povoações podiam ser planeadas de forma sistemática. Regularmente verificavam-se assembleias magnas – os Pitso – por iniciativa, quer do Paramount Chief,quer do Comissário Residente.

4.1 – A estrutura delineada adaptava-se mal à evolução social, económica e política das populações, desde cedo atraídas pelo mundo das minas e do negócio sul-africano; por outro lado, a conservação até tarde da tradição aristocrática do poder, deu solidez ao nacionalismo bashoto, mas não tinha abertura suficiente para eliminar tensões e ambições clânicas no domínio político que, mais tarde, se vieram a manifestar.

Maseru vai agora desenvolver-se numa área precisa, a da «reserva», que corresponde aproximadamente à de um semicírculo com 3 quilómetros de raio, centrado na passagem sobre o rio Mohokare onde, só em 1888, foi construída a primeira ponte. Os limites a nascente e sul seguiam acidentes do relevo, leitos de torrentes poderosas, como a de Majametalene, hoje contida na barragem de Maqalika e Sebaboleng. Para lá deles ficavam as «*rural comunities*», identificadas frequentemente, tal como em todo o território, pelo nome do clã a que pertencia o respectivo chefe. Incorporadas ao longo do tempo no crescimento da cidade, mantiveram a terminologia que está patente no nome de diversos bairros populares.

A primeira planta, provavelmente datada de 1880, é anterior aos acontecimentos referidos; a sua elaboração destinava-se a guiar os loteamentos futuros numa malha em quadrícula cerrada, adjacente a um eixo principal, rectificado no seu traçado para se adaptar à dimensão dos meios de transporte da altura, os grandes carros boers puxados por juntas de bois.

4.2 – Na composição que se foi operando espontaneamente reflecte-se a segregação racial, patente no urbanismo colonial; a escassíssima população branca composta de administrativos, militares, missionários e comerciantes, residia na adjacência do eixo viário principal de ligação à fronteira, localizando-se os edifícios em retalhos de colinas bem arejadas; na sua envolvência e nos terrenos mais abarrancados, ficavam as «*Native Locations*», quer a norte, quer a sul, quer a nascente. No tempo, foram, a pouco e pouco, absorvidas pela expansão da construção, sobretudo de equipamentos,e deslocadas para leste e sul. O embrião dos primeiros bairros negros programados de Thiebele, Sea Point, a leste, e Lethlasa, a sul, deve-se à fixação de populações deslocadas com as suas famílias para constituirem um pequeno destacamento de polícia e um colectivo de auxiliares de transporte. A segregação racial condicionou um dualismo formal que se reforçou no tempo, opondo as áreas residenciais e os equipamentos ao serviço da população negra aos da população branca: a título de exemplo, cite-se que mesmo nos locais de culto havia separação total. Mas a dicotomia referida não era tão marcante no plano funcional: a dinâmica da «cidade branca» dependia totalmente da «cidade negra» e muito também da periferia rural, reserva importante de homens e produtos.

4.3 – A construção dum troço de caminho de ferro ligando Maseru à rede da Africa do Sul por Bloomfotein, no Orange Free State, com cerca de 1,6 Km, passando pela ponte do rio Mohokare, data de 1905. Com ele reduziram-se as distâncias em tempo até às áreas mineiras vizinhas e a economia do pequeno território Bashoto entrosou-se cada vez mais na da África do Sul. A construção da estação, a noroeste do núcleo central, criou um elemento novo na organização do espaço urbano; na sua proximidade surgiram então algumas agências de transporte e de recrutamento de trabalhadores, bem como casas comerciais. Maseru, porque era o único terminal ferroviário à escala da colónia,

volveu-se em centro de drenagem de migrantes, actividade que fez a fortuna de vários comerciantes residentes e se foi vincando na paisagem urbana. Em 1910 a população já quase atingia os mil habitantes, comportando um reduzido número de famílias de origem europeia; durante a guerra anglo-boer, que havia de culminar com a constituição da União Sul Africana em 1910, na qual a Basutolândia rejeitou integrar-se, Maseru conheceu um período de certo florescimento económico, relacionado com o facto de estar à margem do conflito (fig. 4).

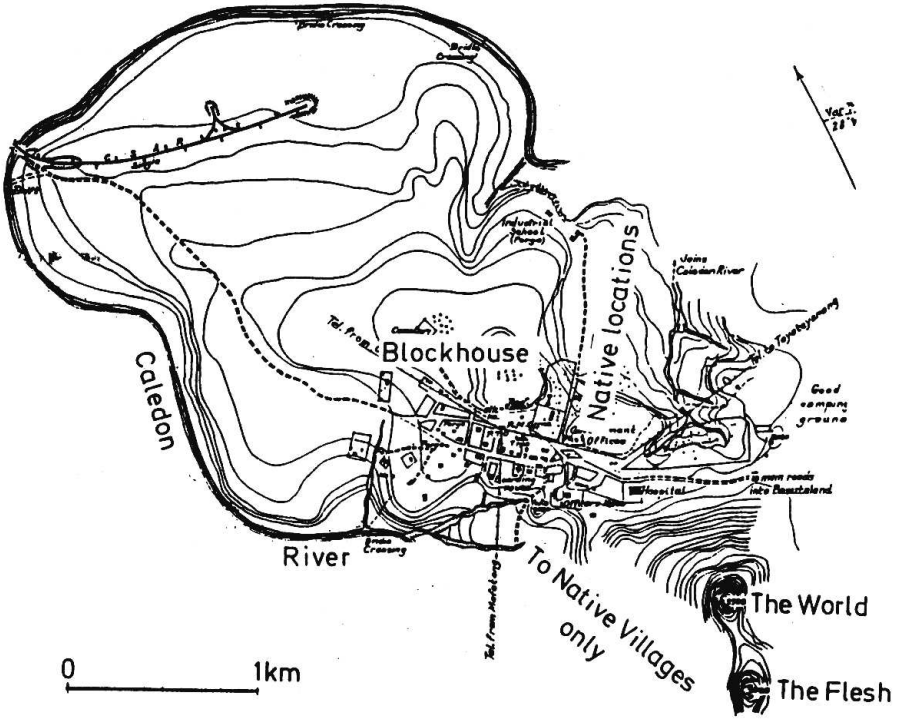

Figura 4 – Planta esquemática de Maseru, em 1910
(extr. de D. Ambrose, Ob. cit., nota 1).

Identificam-se a sudeste duas das principais colinas envolventes da cidade; a poente são de assinalar a ponte sobre o rio Caledon e o troço do caminho-de-ferro, embora não se refiram construções na proximidade. Os principais edifícios situam-se na adjacência da que é hoje Kingsway; notar a segregação racial das localizações – as «native locations» posicionam-se a sul e nordeste.
A designação "Blockhouse" corresponde a um forte construído durante a guerra Anglo-boer.

5 – Até meados da década de 50, o crescimento do aglomerado foi lento; os tempos difíceis da 1ª Grande Guerra, a crise económica que se seguiu, os anos de grande seca alternando com outros de chuvas torrenciais que precederam os do segundo conflito, pesaram na economia do país, onde se repercutiram também as dificuldades idênticas sentidas pela Africa do Sul no mesmo período de tempo.

5.1 – Todavia, a fixação em Maseru do principal aquartelamento de preparação de soldados negros envolvidos na 2ª Grande Guerra, as obras decididas em matéria de restauração e conservação de solos, de molde a obviar a situações catastróficas como a que se vivera nos anos 30, favoreceram certo impulso construtivo, atraindo gente de fora. Junto à rua principal, a actual Kingsway, de orientação E-O, surgiram então novos edifícios; as áreas residenciais negras, a nordeste e sudoeste da área central, densificaram-se e expandiram-se seguindo os eixos viários e, nos principais cruzamentos, instalaram-se comércios vocacionados para satisfazer clientelas em trânsito. A malha regular do bairro Sea Point, acrescento do anterior Thibele, data de 1940 e traduz a intenção de fixação da população negra nos aglomerados urbanos, tal como se verificava na África do Sul.

5.2 – A partir de 1950 o desenvolvimento económico registado neste país graças à realização de importantes investimentos de capital internacional e ao incremento mineiro, mais uma vez teve profundas incidências na evolução do Lesoto e de Maseru. Saliente-se que o arranque e intensificação da exploração das jazidas de ouro no Orange Free State, entre 1951 e 1961, para as quais se exigiu importante contribuição de força de trabalho estrangeiro, teve, pela proximidade relativa das minas, grande impacto em Maseru.

Entre 1950 e 1960 a população urbana no Lesoto aumentou cerca de 30%, aumento que, na sua maior parte, se registou na capital. Em 1966 esta tinha pouco mais de 15 mil habitantes mas já projectava a sua influência bem para lá dos limites administrativos. Estimava-se que, diariamente, afluiam ao centro, provenientes da periferia, mais de 20 mil pessoas.

Datam desta década as primeiras medidas de planeamento urbano no âmbito das áreas residenciais, das infra-estruturas gerais e de saneamento e do tráfego. Na proximidade da estação do caminho de ferro definiu-se uma «zona industrial» visando atrair capitais e disciplinar a instalação de armazéns.

Os bairros programados de Sea Point e Moshoeshoe II, a nordeste, são extensões da «cidade» africana no interior da «reserva governamental», bem como as áreas construídas que aparecem a sudoeste, seguindo a via de saída nessa direcção (fig. 5). Para lá dos limites daquela área,

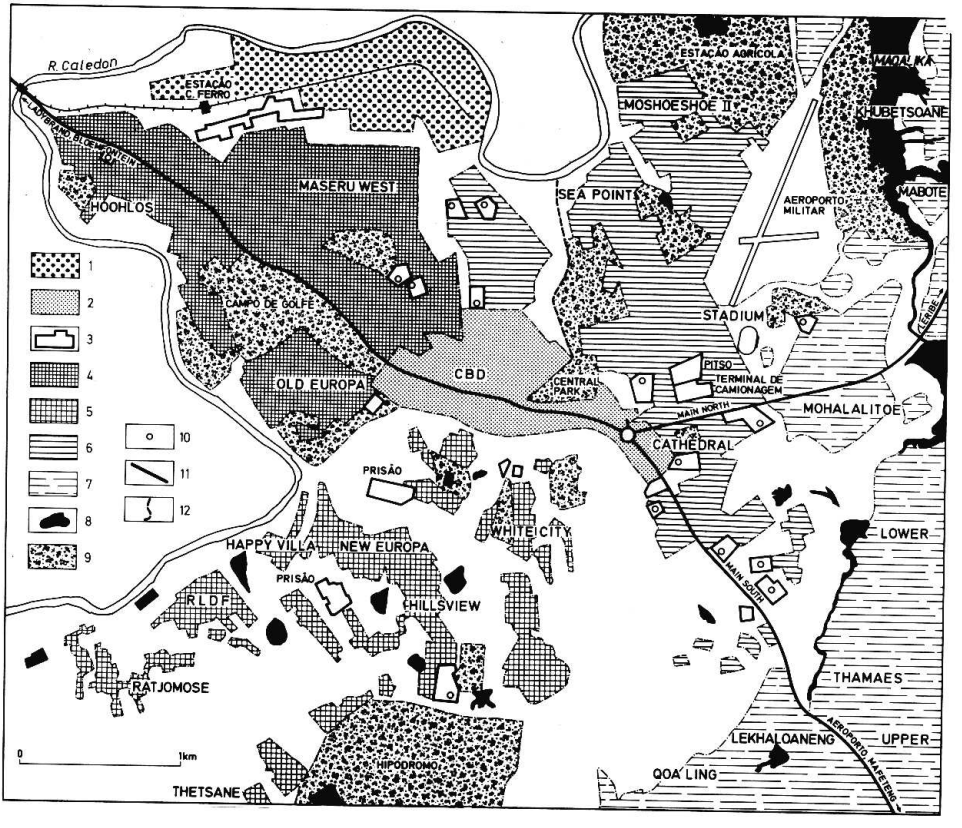

Figura 5 – Organização do espaço urbano de Maseru, em 1992

1 – Zona industrial; 2 – C.B.D.; 3 – Edifícios de administração pública e de serviços; 4 – Áreas residenciais de classes média e alta; 5 – Áreas residenciais de classe média, posteriores a 1960; 6 – Áreas residenciais de classes média e baixa (ex-bairros negros da cidade colonial); 7 – Bairros «populares» não planeados, posteriores a 1960; 8 – Barragens; 9 – Áreas verdes; 10 – Equipamentos escolares; 11 – Kingsway; 12 – Ribeira Seputoana (antigo limite entre a «cidade branca» e as «native locations»).

principiavam já a notar-se significativas alterações espontâneas no espaço rural, relacionadas sobretudo com as possibilidades oferecidas pela entrada de dinheiro obtido no trabalho migrante e consequente capacidade de promoção social de muitos elementos no quadro das famílias.

Porém, no momento da independência, em 4 de Outubro de 1966, a fraca percentagem da população de origem europeia, o estatuto administrativo do território (já entre 1955 e 1959 tinham iniciado negociações visando a elaboração de uma constituição), a sua quase total dependência da RAS, a fraca urbanização (apenas 6,3% de população é declarada como urbana, mas Maseru já absorve 9% de população total), são aspectos que explicam, em grande parte, a inexistência das infra-estruturas mínimas de um Estado moderno: só as vias centrais da cidade eram pavimentadas, não havia serviço ferroviário regular de passageiros (desde 1963 tinha carácter descontínuo) nem relações aéreas internacionais (o primeiro voo data de Outubro de 1967); as actividades industriais eram quase nulas e o serviço de telecomunicações extremamente arcaico. Apenas no domínio da escolarização, graças à acção de missionários, se tinham verificado avanços significativos.

6 – Foi no decurso dos últimos 30 anos que a cidade conheceu um marcante processo de expansão cujos factores explicativos são diversos e se intercruzam.

6.1 – Um dos mais significativos tem a ver com condições particulares de conjuntura, influentes na emigração para a África do Sul. No decurso dos anos 70 o preço do ouro teve aumento sensível, o que se repercutiu na subida dos rendimentos reais dos mineiros. Por outro lado, nesta década, os contingentes de trabalhadores fornecidos pelo Lesoto viram-se alargados -entre 1965 e 1977 o número de Bashotos recrutados para as minas cresceu à média anual de 6% – situação decorrente das reduções drásticas, por razões de natureza política, face ao *apartheid*, da parte do Malawi e de Moçambique e, depois de 1980, da do Zimbabué. Todavia, logo a partir de 1977, nota-se um contínuo decréscimo resultante, como foi dito já, de disposições tomadas pela África do Sul, a braços com grave crise interna, relativamente ao trabalho estrangeiro. De qualquer modo, a participação do Lesoto no total de estrangeiros activos nas minas, passou de 27% em 1974 a 55% em

1980. A definição de novos tipos de contratos de trabalho que facilitavam, ao contrário dos anteriores, visitas regulares aos familiares desde que a proximidade o proporcionasse, condicionou, progressivamente, não obstante as menores oportunidades de recrutamento, a fixação de casais jovens na cidade;nesta fica a mulher, vivendo das remessas ligadas ao trabalho dos maridos emigrantes, para os quais permanecer nas aldeias do interior era manter um dia-a-dia extremamente duro, em luta pela sobrevivência. Com efeito, percorrendo o espaço rural, em muitas áreas montanhosas, a imagem é a de um baixo nível de satisfação das necessidades mínimas.

Os insignificantes aumentos da produtividade agrícola, que não acompanharam o ritmo de crescimento demográfico (2,3% por ano, em 1990), a pulverização da propriedade «costumeira», teoricamente aberta ao usufruto de cada homem casado, a redução da dimensão das explorações (em 1950 era, em média, de 2,5 ha, enquanto em 1991 passou para 1,8 ha), o aumento da percentagem de terras «marginais» conquistadas para cultivo ou pasto, o que acentua o risco da erosão, o grande absentismo masculino (60 a 70% das explorações eram, em 1985, dirigidas por mulheres), são aspectos, entre outros, que permitem compreender a contínua degradação dos rendimentos rurais, onde só a lã, o mohair e algumas cabeças de gado constituem bens transacionáveis[12].

O processo de relocalização das famílias, que atrás se apontou, teve pois consequências notórias no alargamento do espaço urbano e na alteração do respectivo tecido social. Com efeito, o fenómeno migratório para Maseru justapõe duas correntes: a masculina, que prossegue para a RAS, embora cada vez mais contida, mas desde sempre importante e a feminina que actualmente se dilata, cristalizando na cidade, dadas as restrições rigorosas das leis fronteiriças quanto à emigração. São mulheres casadas e muitas outras sózinhas que procuram as escassas oportunidades de trabalho oferecidas no mundo urbano, onde, por vezes, acabam por se integar,dado o elevado nível de educação feminina atingido neste país em regra bastante superior ao masculino[13].

---

(12) Veja-se a obra citada na nota 7.

(13) Este aspecto relaciona-se, em parte, com o funcionamento da sociedade rural tradicional, onde os rapazes, a partir dos 8 anos, são desviados para tarefas relacionadas com a guarda dos rebanhos, o que implica longas e distantes deslocações e ausências à escola. A partir dos 18 anos, a miragem do trabalho na RAS, absorve-os e retira-os para um universo onde a escolaridade não é exigida. J. Henshall

Chama a atenção o número de mulheres envolvidas no funcionamento da sociedade urbana onde ocupam, frequentemente, níveis elevados na Administração Pública. Este facto age como catalisador, reforçando o fluxo feminino da migração para Maseru, mas o desemprego, para os dois sexos, já é uma realidade sofrida.

Paralelamente a cidade alargou e a procura de terreno para construir verifica-se cada vez mais para lá dos limites administrativos convencionais, acompanhando os principais eixos viários, a sul e nascente. A partir de antigas aldeias e frequentemente por iniciativa dos respectivos chefes ou de comerciantes, constituíram-se loteamentos incipientes, sem quaisquer infra-estruturas, a ritmo extremamente rápido, o que alimentou um negócio florescente: o do solo para urbanizar. Cite-se, por exemplo, que o bairro de Lower Thamae, o qual se expandiu nos anos 70, era designado, correntemente, por «6 Libras», valor necessário para adquirir um lote no mercado «informal».

Também se multiplicam os serviços de transporte, igualmente no plano «informal», não só relacionados com a extensão periférica, com condições de acessibilidade frequentemente difíceis, mas também com o intenso movimento fronteiriço. Para muitos emigrantes a deslocação a Maseru ganhou quase um ritmo pendular, de fim de semana.

A falta de serviços de camionagem lesotanas,fez que todos aqueles que viajam, estejam dependentes da oferta sul-africana, o que impõe, para passar a fronteira, deslocações a pé, penosas, de cerca de 2Km, dificultadas porque vão sempre acompanhados de muitas bagagens, cheias de alimentos e presentes para a grande família. O comboio, demasiado moroso para visitas curtas, revela-se pouco atractivo (o serviço regular de passageiros foi retomado a seguir à independência). Muitos são aqueles que investem na aquisição ou aluguer de carrinhas, para uso pessoal ou para oferecer serviços a pequenos grupos.

Todavia, como o recrutamento é cada vez mais difícil e deixou de se fazer automaticamente nas agências, verifica-se que um grande número de jovens está diariamente amontoado na proximidade daquelas, durante longos períodos, alimentando uma expectativa penosa de suportar. Esta situação, na falta de estruturas de enquadramento social e de oferta alternativa de emprego, fez aumentar nos últimos anos a marginalidade e a violência em Maseru.

Momsen, J.G. Townsend (eds.), *Geography of Gender in the Third World»*, Londres 1987.

6.2 – Outros agentes devem ser referidos como poderosos motores do crescimento recente da cidade.

As funções de capital política determinaram o aparecimento de todo um aparelho de Estado até então inexistente, a instalação de representações de instituições internacionais e embaixadas, às quais se juntaram agências de desenvolvimento, financiadoras de projectos, com os seus técnicos e familiares. Todos estes serviços aumentaram bastante as oportunidades de emprego, agindo como íman relativamente ao mundo rural. Na rua principal surgiram então novos edifícios para acolher estas actividades, recuperaram-se outros ao mesmo tempo que se multiplicou o número de comércios, entre os quais *shopping centers* onde estão patentes grandes firmas sul-africanas e britânicas; lado a lado, proliferam as bancas de venda de frutos, de pós, de sementes e outros bens utilizados na velha medicina bashoto.

Já são numerosos os blocos de muitos andares e a congestão de tráfico agrava-se de dia para dia.

A estas novas actividades de capital acrescentaram-se a diversificação e modernização daquelas que, já desde a década de 70, foram incrementadas como forma de captar divisas: incluídas no sector hoteleiro e de lazer, estão as ligadas ao funcionamento de casinos, oferecendo filmes não censurados, possibilidade de convívios sem segregação racial, distracções não acessíveis na RAS.

Esta opção «turística» teve grande sucesso dada a procura por parte de clientela sul-africana, espartilhada numa moral excessivamente rígida. Todavia, a concorrência por parte de ex-Bantustões e países vizinhos, como a Suazilândia, bem como certa instabilidade política, limitam a respectiva expansão.

O desenvolvimento da indústria mereceu o empenho do primeiro governo do Lesoto e a ele está ligada também a abertura dum novo sector multiplicador de assalariados. Vários projectos foram financiados e os estabelecimentos que abriram, sobretudo nos ramos têxtil e alimentar, implantaram-se na velha zona industrial adjacente ao caminho de ferro, tendo porém sido criada uma outra, a sul, no bairro de Thetsane;contudo, a percentagem de população activa no secundário é ainda inferior a 10%, embora o país tenha importantes recursos no plano energético.

A extensão da área urbana resultante interligou-se com um intenso fenómeno de comutação que se processava num espaço cerca de sete

vezes maior do que aquele que, administrativamente, correspondia à cidade, com cerca de 2,3 Km²!.

Face à importância das alterações geográficas produzidas na periferia e ao facto de mais de 80% da população a trabalhar na cidade viver fora dela, os limites administrativos de Maseru foram revistos em 1980, conferindo à cidade uma área seis vezes maior; em 1986, a população urbana, centro mais periferia imediata, já era de 75 000 habitantes

7 – Hoje a aglomeração de Maseru deverá ter mais que duplicado a sua população de 1980; e a ocupação do espaço progrediu muito, sempre de forma descontínua, moldando-se à topografia acidentada do sítio. Para leste e sudeste do centro, estruturado na Kingsway (fig. 5), desenvolvem-se áreas residenciais populares: na sua maioria não planeadas e carentes de infra-estruturas de saneamento, galgam várias encostas e nelas se misturam, de forma mais ou menos ordenada, diversos tipos de soluções habitacionais, desde algumas mais luxuosas às mais modestas, de dimensões reduzidíssimas – uma porta e uma janela – feitas de blocos de cimento ou de materiais precários. Nos sectores que foram objecto de obras da conservação de solos nos anos 30, e com pendor mais acentuado, os pequenos muretes de sustentação apresentam-se utilizados como elementos ordenadores no processo galopante de urbanização periférica, servindo como limites de lotes ou como suporte viário incipiente.

Um caso exemplar é o da urbanização do actual bairro de Lekheloaneng, cujo espaço foi completamente transformado em 20 anos (fig. 6). Situado a nascente dum cruzamento viário onde existem uma paragem de camioneta e uma casa comercial com hospedaria, local favorável a negócios, atraiu, pela relativa acessibilidade, interesses construtivos que se concretizaram sem qualquer plano, produzindo uma malha irregular onde os limites dos campos foram sumariamente recuperados para a improvisação dos arruamentos. Muitos dos novos residentes nestes bairros orientais de Maseru não trabalham no centro da cidade nem nas novas áreas industriais: os seus rendimentos provêm da prestação de serviços a outrem, no âmbito das actividades «informais».

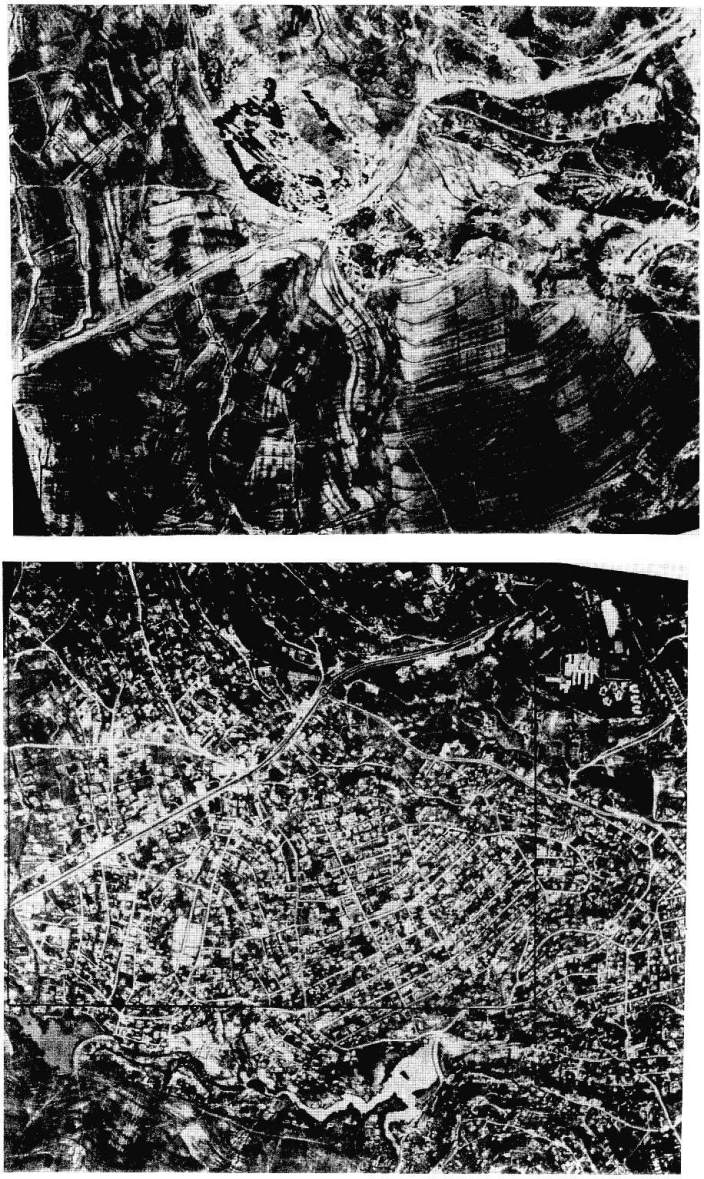

Figura 6 – Crescimento urbano do bairro de Lekhaloaneng. Cerca de 30 anos (1961--1989) separam as duas fotografias: é visível a completa transformação do espaço rural, desencadeada a partir de 1965; notar o aproveitamento dos limites dos campos como elementos estruturadores da malha construída.

Outros vivem de rendas obtidas com aluguer de quartos à população flutuante e em trânsito, definidos em construções de tipo linear que realizaram para o efeito, designadas por «malaene» (do inglês «line»), depois divididas em fracções e abrindo para o exterior apenas por uma porta. Construir «malaene» é um bom investimento; enquanto não se consegue acumular o capital necessário para começar as obras, o lote é utilizado para fazer culturas hortícolas no quadro familiar ou pela via do aluguer.

A produção da maior parte do espaço com que nos confrontamos, desenvolve-se sobretudo no âmbito dos circuitos não oficiais, fruto de organizações individuais e colectivas sem qualquer intervenção pública. No entanto, em áreas limitadas é possível encontrar respostas públicas às necessidades habitacionais de uma população em crescimento, através da concretização de programas de auto-construção assistida, com delimitação de parcelas infra-estruturadas e apoio à construção que as famílias vão fazendo, conforme as suas possiblidades.

Realizações deste tipo encontram-se nos bairros de Mabote e Kubetsoname, mas estão apenas ao alcance dos agregados de rendimentos médios.

O acesso ao solo faz-se pela aquisição do lote ou pela obtenção de um direito de uso privado junto dos chefes de terra do bairro onde se localiza; estes, que conservam a responsabilidade do direito de uso, envolvem-se frequentemente em processos de loteamento, onde a especulação não falta, nem tão pouco os microconflitos territoriais, geradores de confusão fundiária frequente.

A poente do «centro», o alargamento do espaço construído, relacionado com a fixação das classes altas e médias, apresenta um padrão diferente, associado a uma menor densificação e a um planeamento bem definido; o traçado viário existente foi melhorado e colmataram-se muitos espaços intersticiais, como é caso de toda a área mais ocidental da cidade, entre a estação de caminho de ferro e a «zona industrial». Também para sueste vão expandir-se os bairros de White City, New Europe, Hillswiew e Kathlong, onde se instalaram embaixadas e residências de funcionários públicos. A urbanização deste sector da cidade, atendendo às características morfológicas, exigiu a realização prévia de obras de conservação do solo, entre as quais pequenas barragens (fig. 5).

Em 1991 concluiu-se o Plano de Desenvolvimento da cidade que contempla importantes intervenções em matéria de acessibilidade, sobretudo em muitos bairros periféricos, e a construção e individualização de «corredores» para tráfego pesado, cujo aumento está previsto a curto prazo, relacionado em parte com a execução do Projecto Hidráulico do Planalto Central. Ora muitas das propostas estão já comprometidas pelo crescimento espontâneo e desordenado durante o período de elaboração do mesmo. Cabe ao Conselho de Maseru tentar revê-lo com a prática, procurando aplicá-lo com grande flexibilidade e respeitando sempre o interesse colectivo, mas evitando que as iniciativas individuais se contraiam, de molde a melhorar a qualidade de vida de um conjunto populacional que hoje representa mais de 10% da população do país.